

XLII

ATÉ MOISÉS

Quando Euclides Brandão desencarnou, aguardava imediato ingresso ao paraíso.

Vivera de Bíblia na mão, consultando textos diversos.

Declarava sempre que os dez mandamentos lhe controlavam a vida. Em pensamento, embora quisesse o mundo inteiro para si, reverenciava a Deus, não lhe pronunciava debalde o santo nome, observava o descanso dominical, honrava os pais, não matava, não adulterava, não furtava, não cobiçava, de público, os bens do próximo, não obstante enredar as circunstâncias em seu favor, quanto lhe era possível, e não se entregava aos falsos testemunhos.

Por tudo isso, sentia-se Brandão com direitos líquidos no país da Morte.

Atingindo, porém, o limite, entre este mundo e o "Outro", em plena alfândega da espiritualidade, o nosso companheiro surpreendeu-se. Era atendido sem considerações especiais. Naquele vasto recinto de trabalho seletivo, via-se tratado como consultente vulgar numa agência de informações.

Chamado a esclarecimentos, travou-se entre ele e o funcionário da justiça divina interessante diálogo, depois das saudações espontâneas:

— Não há ordem, determinando minha transferência definitiva para o céu? — perguntou, confiadamente.

O interpelado, com jovial expressão, observou após interir-se, com pormenores, quanto à sua procedência:

— Não foi expedida qualquer resolução superior nesse sentido. O amigo era cristão?

— Sem dúvida — replicou Euclides, mordido no amor próprio — aceitei Jesus integralmente.

— Aceitou-o e seguiu-o?

— Perfeitamente. Lia-lhe o testamento dia e noite.

— Lia-o e praticava-o?

— Com a máxima exatidão.

— Retirando, porém, os benefícios do Evangelho, aproveitava-se dele para renovar-se em Cristo, revelando-se melhor no aprendizado da sabedoria e da virtude?

Euclides respondeu afirmativamente. E porque se mostrasse um tanto melindrado com as interrogações, o fiscal da esfera superior recomendou-lhe enfileirar alguns dados auto-biográficos, o mais succinctamente possível. Pretendia decifrar o enigma.

Encorajado, Brandão foi claro e breve.

— Eu — disse ele, demonstrando o gosto de exprimir-se invariavelmente na primeira pessoa, — fui um homem justo na Terra. Sempre guardei cuidado em preservar esta característica de minha personalidade. Se recebia dos outros bondade e respeito, pagava com moedas iguais. Aos que me agradavam, aquinhoei com as vantagens suscetíveis de serem articuladas com a minha influência. Tanto assim que deixei meus haveres a quantos me souberam conquistar simpatia. A todos, porém, que me fizeram mal, retribuí conforme propunham. Nunca tive inclinação para ajudar malfitores, porque para eles não há suficientes grades no mundo. Quando molestado pelos maus, sabia conjugar o verbo corrigir e, se me incomodavam duramente, punia-os com aspereza. Corda e ferro não podem ser esquecidos na melhoria dos homens. Em sendo perseguido, jamais permiti que os amigos me tomassem dianteira na desforra. Não me calava ante qualquer desafio; por isso, se era convidado a contender, competia-me ganhar as demandas. Pisado pelos outros, dava o troco, de conformidade com as circunstâncias em que recebi as ofensas. Nunca

perdi tempo, ensinando a delinquentes e vagabundos o que não desejavam aprender, e, se às pessoas nobres trathei com generosidade, ofereci aos desonrados a repulsa que mereciam. Quando recebido a flores, improvisava um jardim aos que me favorecessem; mas, se era surpreendido com as pedradas, respondia com uma chuva de pedras.

Fez longa pausa e acentuou:

— Não suponha que exerci a justiça com facilidade. Ao homem de minha estirpe, que procura ser equilibrado e cristão, muito ingrata é a experiência terrestre.

Estampou engraçada expressão fisionômica e a junhou:

— Segundo vê, minhas reclamações são oportunas. Se o paraíso não estiver aberto para mim, que andei de Bíblia nas mãos...

O funcionário celeste, bem humorado, interveio para esclarecer:

— O plano superior não lhe cerrará a passagem, conquanto, Brandão, a sua justiça não haja conhecido a misericórdia...

— Oh! mas nunca assumi compromissos sem consultar os sagrados textos...

— Sim — disse o sábio interlocutor, — você chegou até Moisés. Voltará naturalmente ao corpo de carne, a fim de prosseguir o aprendizado com Jesus-Cristo.

E, sorridente, acrescentou:

— Seu curso está com um atraso de mil e novecentos anos...

Foi ao ouvir este esclarecimento que Euclides baixou a cabeça e calou-se, como quem se dispunha a refletir...

XLIII

COM LEALDADE FRATERNA

Meu amigo: alega você a impossibilidade de aceitar-nos a sobrevivência, por não atestarem seus olhos a nossa presença espiritual. E acentua que não pode copiar Santo Agostinho na repentina modificação. E' provável que você, no íntimo, se julgue superior ao discípulo de Santo Ambrósio, mas pode crer que a sua dúvida é leviana e infantil.

Sua declaração menciona filósofos e cientistas, salientando os ateus com frases louvaminheiras.

A rigor, não deveríamos perder tempo com as suas indagações; entretanto, por despertarem pensamentos graves, cumpre-nos registá-las e a elas responder.

E' que você vive, em grande percentagem, daquilo que permanece invisível aos olhos mortais.

O cacto espinhoso, a florir num deserto, jamais saberia responder por que miraculosos recursos consegue sustentar-se no chão ressequido. Assim também você, na trama escura da negação, não explicará por que razões exibe a flor preciosa da inteligência.

Sua cabeça abriga raciocínios e hipóteses, com recheio de sarcasmo evidente, para concluir que a civilização é um castelo de cartas a precipitar-se, indefinidamente, no despenhadeiro da sepultura.

Seus olhos, porém, permanecem fixos no "prato de lentilhas".

Seu problema é de puro imediatismo. Nada mais.

Falta-lhe alicerce para as reflexões.

A sua incapacidade de verificação, no campo fenomênico a que se ajusta, começa no enigma do